

13

ENTRE POSSIBILIDADES E SINGULARIDADES: O CLUBE DE LEITURA LYGIA FAGUNDES TELLES COMO METODOLOGIA DE UMA PESQUISA PSICANALÍTICA

BETWEEN POSSIBILITIES AND SINGULARITIES: THE LYGIA FAGUNDES TELLES BOOK CLUB AS A METHODOLOGY FOR PSYCHOANALYTIC RESEARCH

Wildicleia Oliveira Lopes⁴⁸

Charles Elias Lang⁴⁹

Resumo: É pela utilização da fala que a psicanálise acontece, e é por meio da palavra e do sujeito da linguagem que ela pode ser aplicada, seja na construção de uma pesquisa psicanalítica, seja na direção de um tratamento clínico. Os conceitos psicanalíticos fazem referência ao universo dos seres falantes, e foram estes seres que moveram o clube de leitura Lygia Fagundes Telles, lugar onde a literatura foi capaz de alavancar falas e possibilitar que variados sentimentos pudessem circular em meio a um grupo. A aposta no significativo encontro entre psicanálise e literatura ofertou corpo a esta pesquisa, abordando assim uma temática tão relevante e sensível à clínica psicanalítica: a devastação na relação mãe-filha.

Palavras-chave: Pesquisa psicanalítica. Literatura. Devastação. Clube de leitura.

Abstract: *It is through the use of speech that psychoanalysis takes place, and it is through the word and the subject of language that it can be applied, whether in the construction of psychoanalytic research or in the direction of clinical treatment. Psychoanalytic concepts refer to the universe of speaking beings, and it was these beings that drove the Lygia Fagundes Telles book club, a place where literature was able to leverage speech and allow a variety of feelings to circulate within a group. The commitment to the significant encounter between psychoanalysis and literature gave shape to this research, thus addressing a topic that is so relevant and sensitive to the psychoanalytic clinic: devastation in the mother-daughter relationship.*

Keywords: *Psychoanalytic research. Literature. Devastation. Reading club.*

⁴⁸ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Pós-graduada em Clínica psicanalítica pelo Centro Universitário CESMAC, Graduada em psicologia pelo Centro Universitário CESMAC. Docente no curso de psicologia CESMAC do Agreste. Membro do NAE (núcleo de apoio extensão) Cemac do Agreste. Psicanalista membro do Fórum de psicanálise do campo lacaniano Alagoas (FCL-AL/ IF - EPFCL-Brasil)

⁴⁹ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre) Especialista em Filosofia da Linguagem e Teoria do Conhecimento (UNISINOS) e em EAD (UNED, Madrid). Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, São Leopoldo, RS). Professor titular no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL, Maceió, AL). Pesquisador e Supervisor em Psicologia Clínica nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da UFAL. Coordenador Acadêmico do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UFAL. Membro do GT "Psicanálise, Política e Cultura". Secretário Executivo da Anpepp (2014-2016) Psicanalista, Analista Membro de Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a psicanálise passa a ser reconhecida como uma teoria e um método a partir das observações emergidas de dentro dos laboratórios da universidade, dos atendimentos clínicos e da análise pessoal de Sigmund Freud. O pai da psicanálise não adivinhou: ele observou, investigou, estudou seus pacientes e as hipóteses levantadas em torno dos sintomas que apresentavam. Ele pesquisou. “Ao longo de sua obra, Freud afirmou sua submissão a um ideal de ciência ao mesmo tempo em que subverteu os limites da ciência da época ao tentar estendê-los ao estudo da subjetividade” (Pinto, 2018, p. 65).

Todos os desdobramentos deixados como frutos de seu empenho para conseguir entender o funcionamento psíquico foram sendo esmiuçados e, cada vez mais, desenvolvidos pelos pós-freudianos, alguns mais fiéis às suas ideias, outros nem tanto, mas o fundamental é que a psicanálise seguiu sendo pesquisada. Sua evolução não seria possível se não houvesse indivíduos dispostos a investigá-la, contribuindo com uma base teórica que nunca parou de se inquietar diante das questões humanas, e que, por isso, não se limita aos modos padronizados de produzir pesquisa. Assim, na posição de um pós-freudiano assumido – reinventando a psicanálise –, Lacan também quis entender o cerne da experiência freudiana, nomeando como a letra de Freud aquilo que dela se inscreve em seu texto (Diniz, 2018). Ele se debruçou sobre os escritos do inventor da psicanálise disposto a entender o que suas palavras – que tratavam de conceitos em torno do estudo do inconsciente – pretendiam dizer. Isso ofertou campos ainda mais vastos para a produção de trabalhos no viés psicanalítico, contribuindo com o avanço da clínica e das temáticas que nela se presentificam, como as relações com os Outros de cada um e no caso deste trabalho, as relações entre mães e filhas, sob o contexto da devastação.

2 FREUD, LACAN E AS UNIVERSIDADES

Conhecida desde Freud como um método de investigação e tratamento, a psicanálise marca, na atualidade, forte presença nas universidades. Em seu meio, ela vem proporcionando importantes contribuições a partir de diversos tipos de pesquisa sobre o ser humano e seu funcionamento psíquico. A universidade teve uma participação significativa nos primeiros passos de Sigmund Freud rumo à criação da psicanálise. Como relembra Fonteles e Coutinho (2018), sua carreira teve início no laboratório, investigando

o sistema nervoso dos animais inferiores, deparando-se com professores que seriam seus grandes influenciadores, e debruçando-se na pesquisa científica a partir daquilo que seria o grande interesse de sua vida: o inconsciente. Sigmund Freud inaugurou a diferença no modo de ver o humano e, mesmo compreendendo as dificuldades que o aguardavam nesse percurso, não cedeu de seu desejo: seguiu e fez da psicanálise o que almejava, “a primeira tentativa de psicologia profunda” Freud, 1919/2010, p. 286), possibilitando que, posteriormente, além de um método de tratamento, ela fosse também um campo vivo de pesquisa.

É sabido que, desde as primeiras articulações em torno da temática – psicanálise e as universidades –, assinalam-se importantes observações. Já no ano de 1919, no texto *Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades?*, escrito por Freud, essa discussão caminhou por dois vieses: o do aprendizado teórico e o da aplicação do método. Ele entendia que os centros acadêmicos poderiam se beneficiar do conhecimento sobre a teoria psicanalítica, mas também afirmava que o psicanalista não se formaria pelo crivo universitário, e sim pela tríade, análise pessoal, supervisão e estudo teórico, o conhecido tripé psicanalítico. Isso não impede que a psicanálise funcione por seu potencial teórico nas universidades, compreendendo, na atualidade, a relevância dos inúmeros trabalhos produzidos para além dos institutos de psicanálise, ou seja, nos centros acadêmicos de pesquisa, não se limitando unicamente ao campo dos distúrbios psíquicos, mas também sendo capaz de conversar com outras ciências, como a arte e a filosofia (Freud, 2010). O fundador da psicanálise fornece linha e agulha, e, com isso, os que vieram depois dele, em especial seu seguidor Jacques Lacan, puderam fazer importantes pontilhados. Uma costura que rende, até hoje, valiosos resultados. Nem Freud, tampouco Lacan, se opuseram ao ensino da psicanálise: eles estudaram, proferiram conferências e discutiram sobre ela nos auditórios acadêmicos, disseminando seus ensinamentos.

[...] se o ensino pretende transmitir a psicanálise, não é possível que não se vincule à pesquisa – uma questão do professor, do mestrando, do doutorando – e não é possível que esse mesmo ensino esteja alienado de um debate que se faça com outros psicanalistas, pares de um questionamento diante da psicanálise. (Alberti, 2010, p. 111).

Atentando para todas as especificidades da psicanálise, Lacan aposta que os psicanalistas podem se servir, de alguma forma, das ciências propagadas à moda universitária, e que estas também podem, no encontro com a psicanálise, ter a oportunidade de renovar-se (Lacan, 1975/2003a, p. 316).

3 OS PRINCIPAIS TIPOS DE PESQUISA PSICANALÍTICA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE ROGÉRIO LUSTOSA BASTOS

Tomando-a por sua capacidade investigativa – que a caracteriza como aquela que mais interroga diante de um querer saber do que responde para garantir que sabe –, a psicanálise pode embasar trabalhos que há muito vêm lhe rendendo aportes valiosos. De acordo com Diniz (2018, p. 116), “perguntar é situar-se entre o que se sabe e o que não se sabe. Nesse movimento de instaurar perguntas, em vez de tentar responder a todas elas, o/a pesquisador/a nutre o seu desejo de saber”. Sendo assim, pesquisar em psicanálise é autorizar-se a percorrer o campo das não garantias.

O pesquisador e escritor Rogério Lustosa Bastos (2009) apresenta, em seu livro *Psicanálise e Pesquisas – Ciência? Arte? Contraciência?*, os principais trabalhos que abriram caminhos para a psicanálise nas universidades, mostrando as diferentes formas de produzir o saber científico para elaborar uma pesquisa psicanalítica. O autor aponta cinco tipos de pesquisa nessa área, bem como os principais teóricos que os defendem a partir de suas produções. Considerando as articulações de Bastos (2009), segue uma breve explanação dos tipos de pesquisa por ele mencionados. Como primeiro ponto, tem-se a pesquisa psicanalítica do tipo teórico. Luiz Alfredo Garcia-Roza, apresenta-o como o tipo mais viável para realização de uma pesquisa psicanalítica, devido à especificidade de seu objeto de estudo e à sua identidade ética, que pode sofrer perdas pelo “apossamento ou pela apropriação por parte dos outros saberes” (Garcia-Roza, 1994, p. 11), já que a psicanálise não tem uma rubrica própria nos institutos aos quais está vinculada.

Um segundo tipo abordado por Bastos (2009) é a pesquisa psicanalítica de material baseado e restrito à clínica: pesquisa que aponta a importância do material clínico como fundamento para se abordar a ética, o desejo e a interpretação, que, de acordo com Birman, só são alcançáveis pela incidência da transferência na clínica analítica, a partir da experiência psicanalítica, sendo esta fundada pela ética e pelos impasses do sujeito (Birman, 1994, p. 11). Como terceiro ponto, Bastos (2009) apresenta a pesquisa psicanalítica histórica e crítica: é o tipo defendido por Renato Mezan, que considera a pesquisa psicanalítica histórica e crítica uma tentativa de “passar para o plano da discursividade da leitura ou da palavra escrita, algumas situações do plano da clínica analítica ou da vivência transferencial” (Bastos, 2009, p. 42). Já a pesquisa psicanalítica

na perspectiva estética e semiótica é um tipo que, de acordo com Bastos (2009), recorre às bases fundamentais da teoria psicanalítica sempre que necessário, mas, também considerando o cotidiano. Para Herrmann, trata-se daquela que busca “o original na situação analítica e, notadamente, nas diferentes situações do dia a dia” (Herrmann, 1994 *apud* Bastos, 2009, p. 47). Um quinto tipo de pesquisa psicanalítica, ainda abordado por Bastos (2009), estrutura-se sob a perspectiva epistemológica. Nele, o pesquisador busca fidelidade ao texto para construir seu trabalho: ressalta as ideias, mas não as modifica.

Ao observar as contribuições desses pesquisadores/psicanalistas, torna-se perceptível o avanço das discussões sobre psicanálise, nas universidades, quanto aos modelos metodológicos que o pesquisador pode seguir em sua pesquisa. Como afirma Birman (2018), “a psicanálise não é só formulada, mas também, reinventada na universidade, o que se evidencia pela diversidade de métodos, temas, autores e articulações com outros campos do saber”. Quando Jacques Lacan retorna a Freud e fomenta na psicanálise uma identidade que possui relação ímpar com o saber e a verdade, ele passa a firmá-la a partir de uma ética que, na pesquisa, não tem por objetivo a junção de informações mensuráveis e quantificáveis que possam resultar na verdade absoluta e imparcial dos fatos, considerando um corpo que surge, desde sempre, afetado pela linguagem e compreendendo que as atitudes do ser se justificam e se denunciam em decorrência dos seus efeitos (Lacan, 1946/1998a; Lang; Andrade, 2020).

Um corpo afetado pela linguagem, que sente e se move pelo que ouve e pelo que fala. O universo das artes apresentou com propriedade isso a Freud, e foi por essa via que ele também seguiu. Desde o surgimento da teoria psicanalítica, a arte foi importante para suas elaborações, principalmente as produções dos literatos e dos poetas. Ele se inquietava com a potência dos escritores e com os efeitos de seus escritos no leitor, queria saber de onde eles extraíam seus temas e como conseguiam comover e despertar emoções (Freud, 2020). Literatura que toca o corpo, onde o sujeito se apropria da linguagem para tentar exprimir sua verdade, ainda que com algumas omissões. Segundo Lang e Andrade (2020), “[...] o sujeito da psicanálise depende da articulação de letras para ser produzido, ou como também podemos dizer, ele depende da articulação entre significantes”. É com a psicanálise, de Freud a Lacan, que se torna possível entender o poder imenso que a linguagem possui: unir, fragmentar e iludir.

4 O CLUBE DE LEITURA LYGIA FAGUNDES TELLES COMO METODOLOGIA DE UMA PESQUISA PSICANALÍTICA

Esta pesquisa utilizou como método o clube de leitura Lygia Fagundes Telles: um espaço para comentar as leituras realizadas e os afetos originados por elas. O objetivo dos encontros e discussões foi a exploração da temática em torno da relação mãe-filha, tendo em vista os conflitos apresentados em alguns dos textos da escritora Lygia Fagundes Telles, sendo tal temática compreendida e estudada pela psicanálise – especificamente na teoria lacaniana – como a devastação, que é o objeto de estudo neste trabalho. O clube de leitura Lygia Fagundes Telles teve seu início nas redes sociais, através da plataforma virtual Instagram. Nela, uma página referente ao clube foi criada para convidar pessoas interessadas no estudo, almejando formar um grupo de seis ou sete participantes. Decidimos não restringir o público participante em termos de sexo biológico, já que, para a psicanálise, feminino e masculino são funções que estão para além da anatomia. Portanto, seria necessário apenas que os participantes fossem letrados, tivessem acima de dezoito anos e, principalmente, interesse pelo mundo literário. Na apresentação da pesquisa, buscamos deixar claro aos interessados qual seria o objetivo do estudo, tratando sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), comunicando que os encontros seriam gravados para que posteriormente pudessem ser transcritos e assinalando a utilização das duas áreas de conhecimento para tal elaboração: a psicanálise e a literatura. Sendo assim, surgiram interessados por ambas as temáticas, ou por apenas uma delas. A proposta apresentada – dentro do que cada um pôde alcançar – moveu de modo singular aqueles que dela decidiram participar, dialogando com a psicanálise naquilo que ela aposta, no um a um e no desejo de saber que pode originar significativas produções, considerando que ela conta com a ciência, mas pretende subvertê-la ao incluir a causa do desejo em seu campo (Pinto, 2018). As pessoas buscaram o clube, foram movidas pela proposta e decidiram participar. As reuniões tiveram início em abril e finalizaram em novembro, totalizando 12 encontros. Entendendo a relevância do vínculo entre os participantes para que as discussões pudessem ser fomentadas e para que a fala pudesse fluir mais tranquilamente, projetamos um período de tempo maior, trabalhando outros textos com o objetivo de apresentar a autora, aproximar os componentes do grupo e possibilitar que as pessoas confiassem no estudo e nos pesquisadores. Ou seja, buscamos estabelecer uma das vias mais fundamentais para que

as falas pudessem emergir, entranhadas com a verdade de cada um: apostamos na transferência. Uma pesquisa, especialmente em psicanálise, não se constrói sem os atravessamentos transferenciais. Como afirma Jeferson Pinto (2018, p. 70), “a transferência pode ensinar muito mais sobre o discurso científico do que a filosofia ou a epistemologia supõem”.

5 SOBRE OS ENCONTROS DO CLUBE E OS TEXTOS PARTILHADOS

A criação do perfil do clube de leitura Lygia Fagundes Telles, na rede social Instagram, ocorreu no dia 20 de agosto de 2020. Nele, diversos textos da autora passaram a ser comentados sob a forma de publicações e, aos poucos, alguns seguidores foram se aproximando. No dia 10 de março de 2021, a proposta do clube passou a ser divulgada, convidando a participar do projeto as pessoas que assim desejassem. Após a procura dos interessados, via mensagem (Instagram e/ou *WhatsApp*), completando um número considerável de pessoas, no dia 28 de abril de 2021, às 20h, os participantes se encontraram pela primeira vez através da plataforma virtual *Google Meet*. A princípio, o clube contou com a mediadora/pesquisadora e mais três participantes, que apresentaremos como Virginia, Lucas e Carlos¹. No decorrer dos encontros uma nova participante, que chamaremos de Bruna, foi adicionada ao grupo. O direcionamento do clube seguiu buscando dar relevância a cada fala e sugestão. Os textos, os dias e os horários eram sempre acordados com o grupo. Os participantes do clube optaram por seguir com o livro de Lygia F. Telles intitulado *Os contos*, coletânea que contempla mais de oitenta textos da autora, inclusive os que foram escolhidos para serem trabalhados nesta pesquisa (Telles, 2018). A pesquisadora, enquanto mediadora do clube, criou um grupo no aplicativo *WhatsApp*, compartilhando o livro escolhido, em formato digital, para que todos pudessem ter acesso. As reuniões passaram a acontecer quinzenalmente, às quartas-feiras, às 20h15min – levando em consideração o horário de trabalho de um dos participantes -, com duração de 50 minutos, 1 hora e, por vezes, 1 hora e 30 minutos. Todos os encontros ocorreram de forma virtual, através da plataforma *Google Meet*. Desde o princípio, a proposta ancorou-se em um clube democrático, sendo temático, por trabalhar uma escritora específica, mas livre em seu formato, não se tratando de um espaço rígido e obrigatório em termos de seu funcionamento. Todos tinham o direito à

fala e às sugestões, pois a literatura e a psicanálise não cabem em espaços onde o pensamento, a fala e o desejo do outro não podem ser respeitados.

Houve quem se identificasse e quem estranhasse alguns dos textos e contextos, mas, entre identificação e estranhamento, seguimos. Em cada encontro, havia a verdade de cada participante em cena, nas leituras e nos comentários – tanto proferidos quanto escutados – sobre os textos selecionados. Ao chegarmos no décimo primeiro encontro do clube, a mediadora/pesquisadora decidiu apostar na entrada de duas novas pessoas que a procuraram apresentando desejo de participar dos encontros do clube: Dulce e Jonas. Ambos haviam sido alunos da mediadora/pesquisadora em um curso de graduação em psicologia, o que reforça ainda mais a importância da transferência na produção de um trabalho em psicanálise, como afirma Jorge (2017, p. 13): “A transferência de trabalho orbita em torno do trabalho obtido como fruto do desejo de saber [...]”. Assim, o clube completou 12 encontros, possibilitando trocas riquíssimas e tomando forma em um período difícil para toda a humanidade.

O mundo, no ano de 2020, passou a vivenciar tempos de muitas mortes, dores, solidão e isolamento. A pandemia da Covid-19 assolou a todos; ainda que cada um a tenha experienciado de modo singular, ela trouxe caos ao mundo. É óbvio que esse cenário catastrófico também teve impacto nas reuniões do clube. O cansaço eclodiu, expressando, junto a ele, a falta pela presença dos corpos nos inúmeros e variados compromissos virtuais, com as pessoas saindo de forma sequenciada de uma tela para outra. De tal modo, esse excesso também provocou exaustão nos participantes do clube de leitura Lygia Fagundes Telles. Foi-se pedindo pausa, e os participantes passaram a verbalizar a necessidade de parar, chegando-se ao fim após um período de grande interação. O término, entendido como necessário, não descartou sua funcionalidade. Os encontros do clube de leitura mostraram o quanto esse espaço de fala é rico e contém vida, porque literatura e psicanálise são, diante dela, uma afirmação: elas afirmam a vida – ainda que não neguem as durezas que a atravessam. A aposta do estudo psicanalítico da devastação pela via da literatura baseia-se no entendimento de que as produções artísticas conversam de forma fluida com a psicanálise (e vice-versa). Como afirma Souza (2020, p. 318), “Freud buscava abrigo na produção literária e artística para suas hipóteses conceituais”.

6 A FALA LIVRE E A ESCUTA DIFERENCIADA NO CAMPO DA TRANSFERÊNCIA

Sigmund Freud cria a psicanálise na certeza de que para que houvesse uma escuta clínica e alguma possibilidade de cura dos sintomas dos pacientes, seria preciso que a transferência se instalasse para que as resistências pudessem ser ultrapassadas. Assim, para a psicanálise, o acesso indireto ao inconsciente ocorreria por fenômenos transferenciais (Jorge, 2017). Freud compreendia que havia um funcionamento transferencial em meio ao desvelamento das questões dos sujeitos. Acreditando nela como uma via de formulação e criação, ele dirá que “a transferência cria, assim, uma zona intermediária entre a doença e a vida, onde se dá a transição da primeira para a segunda” (Freud, 1914/2017, p. 113).

A aposta na transferência levou-o ao desenvolvimento da prática e, também, à construção da teoria psicanalítica. Toda sua construção esteve atravessada por vínculos significativos, tanto acadêmicos quanto filosóficos, artísticos e literários, e isso foi fundamental para que ele pudesse criar a psicanálise. Em seu escrito datado de 1914 – *Contribuição à história do movimento psicanalítico* –, o autor apontou a relevância que algumas figuras tiveram no percurso entre seus estudos e formulações psicanalíticas, a exemplo de Josef Breuer e Jean-Martin Charcot, no que diz respeito às suas primeiras compreensões em torno do funcionamento psíquico, bem como as contribuições dos artistas e literatos pelos quais ele nutria grande apreço. Outro vínculo de muita importância, já conhecido pelos leitores da psicanálise, deu-se junto à Wilhelm Fliess, indivíduo com quem Freud trocou inúmeras cartas sobre as suas ideias e os seus sentimentos em torno delas.

O inventor da psicanálise não esteve só em seus desdobramentos frente à investigação da mente humana: ele formulou sua teoria e a sustentou, corajosamente, diante de todo o descrédito da comunidade médica de sua época, ao passo que também encontrou sustento em importantes representações acadêmico-científicas e, principalmente, artísticas e literárias, como William Shakespeare, Fiódor Dostoiévski, Leonardo da Vinci, Michelangelo e muitos outros que, pela via das artes, cruzaram seu caminho de apreciador/leitor. A psicanálise foi construída sob todos esses atravessamentos, e foi partilhada, desenvolvida e aprimorada em meio a um grupo de indivíduos transferidos com as ideias, as atuações e com a própria figura de Freud, inicialmente reunidos todas as noites de quarta-feira em sua casa. Tais encontros resultaram na estruturação da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), tendo sua

“constituição decidida no congresso de Nuremberg, nos dias 30 e 31 de março de 1910” (Chemouni, 1991, p. 100).

Um a um, foram se aproximando, contribuindo e discordando do que era apresentado, alguns permanecendo na caminhada e outros encontrando novos caminhos. Jacques Lacan é um exemplo importante disto: ao sair da IPA, ele caminha para fundar, em 1964, a Escola Francesa de Psicanálise. A via fundamental de acesso à Escola Francesa de Psicanálise passou a estruturar-se pela formação de um grupo em que os membros se escolhiam mutuamente para estudar e produzir trabalhos em psicanálise, nomeado por ele como Cartel – um dispositivo de base no que se refere à psicanálise lacaniana (Lacan, 1975/2003a). Lacan formulou novos modos para que a psicanálise pudesse se estender àqueles que desejassem conhecê-la e experienciá-la, retornando à letra de Freud para dar-lhe, em uma outra época, novos sentidos, mas sem abandonar as bases fundamentais da psicanálise deixadas no legado freudiano: inconsciente, repetição, transferência e pulsão.

É diante do estabelecimento da transferência que o sujeito é capaz de falar, de apresentar os seus ditos e de ter os seus *não-ditos* acolhidos. Um grupo de trabalhadores decididos produz trabalho e transmite psicanálise. Essa foi a aposta do clube de leitura Lygia Fagundes Telles, propondo-se, assim, como um modo possível de fazer pesquisa nessa área, utilizando-se daquilo que temperou as elaborações freudianas, a literatura, bem como daquilo que Lacan afirmou como importante em seu percurso: um grupo movido pelo desejo de saber. Pois, “um saber que passa pelo companheirismo faz da mestria outra função” (Lacan, 2003a, p. 307). O clube de leitura mostrou-se um espaço de acolhimento e produção – ainda que não objetivando a formação de analistas, como se propõe em trabalho de carteis – houve acolhimento de falas banhadas pela liberdade de trazer à tona interpretações e sentimentos, sem que a verdade fosse tomada como algo absoluto e de apenas um.

7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE-FILHA

Quando se discorre sobre maternidade, na psicanálise, também se discorre sobre o amor, seja em sua presença, em sua ausência ou em seu excesso. A construção do imaginário sobre a palavra amor ocupa tanto espaço com o ideal da beleza e do romantismo que escapa algo fundamental quanto ao seu emergir: o amor demanda amor,

ele quer retorno e, quando olhado mais de perto, é possível ver as devastações originadas por ele (Lacan, 1973/2008). Amor que não se reduz ao belo, mas que também faz menção à dor, porque nele moram desejos que estão sempre atravessados pelo Outro, marcando histórias que se repetem e deixam seus restos. Reminiscências que remontam às representações de tantas demandas outras, estabelecendo diversos tipos de relações, onde a linhagem do feminino e da maternidade segue rondando vida e morte, quietude e devastação.

Toda mãe carrega consigo sua marca de filha, e toda filha carrega consigo a marca de uma mãe. O estudo psicanalítico de Lacan segue enveredando na busca de compreender esses femininos que se chocam, se encontram, se desencontram e se hostilizam diante da ausência de representação de seus seres. De acordo com Zalcberg (2003, p. 128), “a criança, portanto, toca a causa do desejo da mãe porque desperta nela não apenas a mãe, mas, além disso, desperta nela a mulher, a mulher em falta. Significa que uma criança tanto se relaciona com sua mãe como com a mulher existindo nela”.

A partir daí, ela se estrutura. A partir dessa relação seu feminino poderá ser criado, considerando a fundamental existência e atuação desse Outro em sua vida, bem como o modo como essa filha será capaz de ler ou não a falta dessa mãe. Todo ser falante alimentou-se da letra advinda do Outro. É nisso que Lacan encontra pauta para seu fundamento do inconsciente estruturado como linguagem: a língua do Outro. Língua que apaixona, aproxima, rompe e promove repetição, lá onde o in-sabido é via de ato. Não se trata de um não saber pelo que não se lembra, mas um não saber pelo que não pôde ser bem entendido, porque, mesmo que a linguagem se proponha a dizer tudo, algo sempre escapará ao dito, fazendo da palavra via para a vida e para a morte.

Pode-se dizer, então, que a devastação resulta de uma relação *mal-dita* entre mãe e filha. Duas mulheres postas na vida a tamponarem suas faltas. Uma mulher que também é mãe e que levará adiante sua eterna necessidade de ser: ser vista, amada, ouvida, correspondida, porque toda demanda é um pedido de amor. Essa mulher faltosa amará e pedirá retorno desse amor, mas nessa troca algo de muito semelhante poderá levar ambas a uma vida de caos, por não conseguirem fundar a diferença diante da ausência de uma marca que possa explicar suas existências. A mãe é uma mulher que, por um período, estará preenchida e provará do mundo fálico como não houvera provado antes. Uma criança pode lhe dar essa possibilidade; o agravante é que, ao esvaziar-se, tendo uma menina em seus braços, tal qual um dia fora, maiores sacrifícios serão exigidos para que

essa filha possa ser para além dela, bem como para que essa filha possa entender, da maneira menos devastadora possível, que sua criação de mulher se dará a partir da falta que sua mãe também experimenta e que em seu corpo levou adiante.

8 PONTUAÇÕES SOBRE ALGUMAS DAS FALAS EMERGIDAS NO CLUBE DE LEITURA LYGIA FAGUNDES TELLES PELO VIÉS PSICANALÍTICO

As falas aqui pontuadas estarão acompanhadas dos nomes e do tempo/momento em que ocorreram (destaca-se, novamente, que cada participante foi nomeado de forma fictícia). No que tange à movimentação da mediadora/pesquisadora quanto às suas colocações nos encontros, é relevante frisar que ela não esteve isenta de falas: sua conduta foi seguir possibilitando que elas circulassem entre os participantes, fazendo algumas pontuações a partir das colocações emergidas sobre os textos ou provocando-as com alguns questionamentos. Sua função de mediar as falas não a retira do contexto, ao contrário, insere-a por sua importante função de manejá-las em meio ao grupo, estando ela no lugar de uma pesquisadora movida pelo desejo de ouvir e conhecer as várias versões sobre as histórias que se apresentavam a partir das leituras dos contos. As falas eram livres: elas não dependiam da pesquisadora para que fossem autorizadas, e os participantes falaram o que decidiram ser importante, da forma como conseguiram. Ela seguiu apostando na singularidade de tudo que estava sendo dito, sem se preocupar em encontrar algo específico, mas acolhendo as falas e apreciando o fervilhar das ideias que o clube, enquanto espaço de discussão de leituras e sentimentos, pôde ofertar.

Ainda que esta pesquisa não tenha percorrido a via de um tratamento analítico, o respeito ao sujeito e aos seus dizeres permaneceu como guia em sua construção. Transferência, fala e escuta foram, aqui, os principais instrumentos, caminhando de braços dados com a literatura. A pergunta em torno da funcionalidade do clube de leitura como possibilidade de metodologia em pesquisa psicanalítica foi sendo respondida a cada fala, a cada contribuição que, mergulhada na literatura, convidava a psicanálise a adentrar sua leitura. A costura entre literatura e psicanálise seguirá nas falas, que percorreram os sentidos e os sem sentidos dos contos.

9 SOBRE O CONTO *A MEDALHA*

O encontro ocorreu dia 14 de setembro de 2021, às 20h20min, com duração de 56 minutos e 34 segundos. Nesse dia, estiveram presentes os participantes Virgínia, Letícia, Afonso, Natércio e a mediadora/pesquisadora. Os outros dois participantes (Otávia e Conrado) não puderam comparecer. As primeiras falas vieram do participante Afonso, que verbalizou certa dificuldade diante da movimentação com que Lygia vai construindo suas narrativas, o que é característico de sua escrita. Lygia é inventiva e sagaz, e desenvolve as narrativas transitando de um lugar para o outro, sem perder os enlaces necessários na criação dos enredos de seus textos. Isso, às vezes, leva o leitor a retomar pontos para compreender de quem é determinada fala. Como afirma Resende (2016, p. 47):

Podemos dizer que Lygia Fagundes Telles é uma mestra da narrativa, uma mestra de suas técnicas – em especial, no que diz respeito à escolha de como será a voz narrativa em seus contos, de qual será a perspectiva a partir da qual a história nos será narrada. [...] evidencia-se na obra de Lygia um tenaz conhecimento teórico das técnicas de narração (Resende, 2016, p. 47).

Ela se desdobra nas palavras, como bem lhe convoca o feminino. Desdobramentos para (se) inventar, construir ficções. Dialogando com os relances de sua verdade, ela oferece campo para que o leitor, atravessado pelo desconhecido que ronda seus pensamentos, sentimentos e escolhas, elabore uma nova história a partir daquela que ali se apresenta. De tal maneira, o retorno a alguns trechos do conto não impediu que os participantes fossem atravessados pelas afetações a partir dele.

Esse texto me fez lembrar de um vídeo que se chama ‘Vida Maria’, por essa coisa que vai passando de geração em geração e que não deixa espaço para que a menina pense (Afonso, 00:01:00).

Após essa contribuição, ele segue desenvolvendo seu raciocínio junto aos demais.

Não tem espaço para falar ou pensar diferente, se é sufocado (Afonso, 00:05:55).

Diante dessas falas, torna-se necessário fazer um adendo quanto à associação feita, pelo participante, com o vídeo a que se refere. *Vida Maria* é um curta-metragem realizado pelo governo do estado do Ceará, vencedor de mais de 50 prêmios em festivais de cinema nacionais e internacionais. Ele retrata, através do cenário característico do sertão cearense, no nordeste do Brasil, as Marias que seguiram repetindo histórias e, junto a elas, dores e desejos silenciados (Vida, 2006). O que tocou Afonso foi a maneira com que a história tende a se repetir, como que imposta, a ponto de a menina não encontrar espaço

para ser, para construir seus próprios caminhos de mulher, o que, para a psicanálise, é característico de uma relação devastadora entre mãe e filha. Como afirma Soler (2005, p. 91), “no cerne do inconsciente, as falhas da mãe sempre têm lugar [...]”. É nos arredores dessas falhas que a menina tende a fincar seus pés, fazendo remendos nas histórias que, de forma enigmática, se repetem e das quais ela não encontra uma saída simples.

As discussões seguem, em meio ao grupo, sob vários sentimentos em torno de Adriana e de sua mãe (personagens principais no conto). Natércio entrou, aos 6 minutos e 39 segundos. Uma outra participante deu sequência às contribuições:

É a coisa das gerações que passam de mãe para filha, e nesse conto é pela medalha. A medalha vai parar no pescoço do gato porque ela não queria ter filho e passar isso adiante, e porque também não queria casar e assim ter que merecer essa medalha que era da mãe (Letícia, 00:17:47).

Adriana preferiu condecorar o gato a usar a medalha que passou por três gerações femininas, um gesto de recusa que não a livraria do ato de repetição. Ela estava casando por debaixo de uma longa quilometragem de véu, escondendo o que sua mãe apontava como desagrado (ou seja, ela) e apresentando apenas o possível para que por essa mãe pudesse ser aceita, permanecendo no lugar de objeto que se ancorou em uma infância na qual essa relação não teve corte suficiente para que as duas pudessem existir em meio aos seus enigmas.

Se o desejo da mãe é por esse “algo” impossível de ser nomeado, a criança procura identificar-se com esse “algo” que a mãe deseja, sem mesmo saber o que é. Essa identificação resulta da necessidade da criança ser amada e de, através desse amor, procurar um lugar para poder ser. Incluir-se como objeto de amor e de desejo da mãe oferece-lhe essa possibilidade – ser o objeto da mãe. (Zalcberg, 2003, p. 73).

Em meio a afetações, as discussões seguem no grupo, agora com as inquietações de Virgínia:

Que mulher ressentida! Como uma mãe pode falar as coisas que ela falou?! [...] a todo instante ela tenta barrar essa mãe, e a mãe vem com uma facada, ela tenta se esquivar, tenta sair daquele lugar..., mas por outro lado... ela também alfineta a mãe. [...] e o que é que aconteceu com o pai? Cadê ele?! (Virgínia, 00:21:33).

Os sentimentos expressos por Virgínia rendem comentários e outros afetos. A amargura dessa mãe esteve em evidência. Em sua fala, a participante equipara os cruéis

atos da mãe a uma facada, alcançando o quão *aprisiona-dores* e mortíferos esses golpes podem ser. Desviar-se de uma mãe não é o mesmo que sair de sua clausura. Ela se esquiva da morte, mas não consegue bussolar para si outro caminho. De acordo com Zalcberg (2003, p. 165), “quando a criança não é vista, não é recoberta pelo olhar da mãe, esta passa a encarnar para a criança o supereu arcaico que não cessa de a maldizer, de a amaldiçoar [...]”. Configura-se, assim, uma morte em vida. Virgínia também se inquieta pela ausência do pai; ele marca sua falta no texto e na vida de Adriana. Um pai pincelado por entre as linhas e maldito aos olhos da mãe, pai que Adriana defende com a firmeza de quem precisa proteger uma referência que ainda lhe resta e que, de algum modo, se inscreveu em sua vida, mas não o bastante para que ela pudesse percorrer de outras formas esse feminino que a cerca e a aprisiona. Pela informalidade das falas, a psicanálise se apresenta em cada voz e em cada sentimento. Quem segue com a fala é Letícia:

Eu acho que o pai era preto, porque a filha fala do preconceito da mãe e parece que ela quer se vingar, atingir essa mãe. Será que ela coloca no pescoço do gato para mostrar para mãe que algumas correntes precisam ser quebradas? Como um corte?! [...] às vezes a gente precisa cortar correntes, inclusive com alguns familiares que nos fazem muito mal! [...] a mãe diz que a medalha iria enegrecer no pescoço dela, porque ela não seria capaz de ser mãe e de passar adiante como ela fez (Letícia, 00:24:40).

Letícia evidencia uma troca sofrida de ofensas, acusações e disputa: não uma troca simbólica a partir de suas próprias faltas, mas uma atuação violenta sobre os prejuízos de quem não foi capaz de assumi-las. Ainda que Adriana ensaie quebrar essa corrente, ela segue estendendo outros elos que a mantêm ligada à sua mãe, dando sequência à “disputa sobre quem perdeu, onde perdeu, quem perdeu mais, quem perdeu menos” (Costa, 2020, p. 25). Todas perdem, mas olhar para essa perda sem poder fazer dessa ausência irrepresentável uma possibilidade de existir é desolador. A discussão segue com Afonso:

O que essa mãe passa não é um presente, mas é um peso, um peso que passa de mãe para filha. E a filha não quer esse peso, porque ela sabe que não foi bom, ela vê isso na mãe, é como se a mãe tivesse se casado obrigada e quisesse cuspir na filha esse destino. Ela vê na filha essa possibilidade de repetir a mesma história. São tantas coisas que passam na cabeça... não sabia que a literatura era tão boa assim pra conversar. Eu vejo muita dor, tanto da mãe quanto da filha, e vejo também um pai que não está presente (Afonso, 00:32:14).

Os participantes mergulharam na leitura do conto e o vivenciaram em meio ao grupo do clube, expressando seus sentimentos e seus saberes. Em seguida, temos a fala de Letícia:

É muita raiva dessa Mãe! Está sempre desmerecendo a filha. Que coisa! Será que se a Adriana tiver uma filha ela vai repassar isso para ela? Eu queria o resto da história! (Letícia, 00:51:14).

Ainda que permanecendo por um período em silêncio, devido ao cansaço do trabalho, acompanhando o grupo na escuta, Natércio lança uma importante contribuição para o fechamento desse encontro:

O texto não revela nada pra gente. O que nós somos é testemunhas da queda dessas personagens, nós caímos junto com elas no abismo, por isso que penso que não há salvação nem para a Adriana e nem para a mãe. Porque é como aquele vaso comunicante que não se conversa, dois vasos que não se conversam, não há comunicação interna entre elas. A mensagem que fica é que a gente não pode julgar o outro. A literatura da Lygia não tem a ver com a ética no campo da moral, mas simplesmente apontar a realidade... é um texto muito humano! Ela não nos coloca como juízes para decidir quem está certo ou errado, ela aponta, e cabe a nós concluir a história (Natércio, 00:53:49).

Natércio fala da impossibilidade de comunicação entre mãe e filha. A filha quer o que não tem resposta, e a mãe não sabe responder aquilo que, um dia, também foi de seu interesse saber. Não há salvação! Ambas precisarão lidar com suas faltas, e a negação disso é que pode resultar em uma devastação. Desencontro, sofrimento... um abismo. Uma geração de filhas que responsabilizam as mães por não lhes ter transmitido o segredo da feminilidade (Costa, 2020). E, assim, as medalhas seguem condecorando as repetições. A fala circulou por 56 minutos e 34 segundos. Houve troca e acolhimento das diferentes perspectivas. Não houve lição de moral a cada conto, mas houve sentimentos únicos, cada um falando por seus próprios atravessamentos em torno do texto; várias verdades, várias faces dela. O fato de nem todos conhecerem a teoria da psicanálise e/ou da literatura não foi empecilho para que as falas ecoassem em ambos os campos.

10 SOBRE O CONTO UMA BRANCA SOMBRA PÁLIDA

O encontro ocorreu no dia 28 de setembro de 2021, às 20h25min, com duração de 45 minutos e 51 segundos. Nesse dia, estiveram presentes Virgínia, Conrado, Otávia e a mediadora/pesquisadora. Os três outros participantes não puderam comparecer. A primeira fala surge com Otávia, que diz que adorou o conto e lembra que a leitura foi feita

exatamente no mês do Setembro Amarelo, período em que, socialmente, se trabalha a conscientização quanto à questão do suicídio. Nesse enredo, a história da personagem Gina se encerra com sua morte, ao passo que sua existência segue ecoando na vida de sua mãe, pois, mesmo a filha estando morta, a mãe não consegue vê-la como um alguém para além dela. Esse dia marcou um diferencial: as conversas seguiram sequenciadas, e todos contribuíram trazendo seus olhares a partir das pontuações do outro. A fala que deu seguimento ao diálogo de abertura partiu de Conrado:

O texto tem uma disputa da mãe com a companheira, uma disputa para saber quem era a mulher da vida da filha. Quem é nessa história a mulher mais potente para a filha? (CONRADO, 00:03:44).

Conrado percebe um jogo entre mulheres, lugares confusos que resultam em sentimentos de desamparo e ódio, o que não significa ausência de amor. Como afirmou Lacan (1953-1954/1996, p. 316), tanto o amor quanto o ódio representam “as vias da realização do ser, não a realização do ser, mas somente suas vias”. Ambos visam a destituição do ser do outro na busca de se satisfazer, ao passo que “[...] o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limite” (Lacan, 1953-1954/1996, p. 316). O diálogo segue com Virgínia:

Parece uma mulher que não sabe lidar com sua própria sexualidade e, quando a filha chega na adolescência e inicia a sua sexualidade, é como se ela quisesse ficar no lugar da filha. Lembra o trecho do texto quando a mãe entra no quarto de Gina e fica repetindo tudo que ela fazia com Oriana, fumando, dançando em meio às almofadas, no chão, como se quisesse viver aquilo ali também (VIRGÍNIA, 00:08:18).

O que abala essa mãe apontada no conto é aquilo que faz menção ao insuportável de sua estruturação como mulher, o que ela própria desconhece quanto a esse gozo suplementar que a toma. Deparar-se com o desejo de sua filha tomando forma, então, coloca-a de frente para seu próprio enigma, o que, para essa mulher/mãe, significa deparar-se com a angústia da sua própria existência. A fala continua com Conrado:

Uma relação cheia de ressentimentos: desde que Oriana entrou em cena, a mãe disse que ela influenciou Gina, porque antes ela só ouvia música clássica e depois passou ouvir coisas que ela chama com um nome pejorativo [coisa de negrada] e que, assim, ela começa a se transformar com esses outros gostos (CONRADO, 00:09:24).

Nesse momento, as falas se engataram, uma contribuindo com a outra, e, ainda que discordando, os sujeitos falantes ali presentes estavam se encontrando. Tomando como referência a fala de Lacan em seu congresso de Roma (1998b, p. 299), “[...] quando vocês se aplaudem por haver encontrado alguém que fala a mesma linguagem que a sua, vocês não querem dizer que se encontram com ele no discurso de todos, mas que lhe estão unidos por uma fala particular”. O grupo se manteve unido por suas particularidades, o que possibilitou um campo rico de trocas por meio da função simbolizadora da fala. A partir do comentário de Conrado, segue a contribuição de Otávia:

A mãe estava incomodada porque a filha era diferente dela! Não foi a filha desejada, a filha ideal... foi a filha possível! E que não era de acordo com os planos dela (Otávia, 00:10:18).

A conversa continua com Conrado:

E quem é que dá conta de ser de acordo com os planos da outra pessoa?! A mãe não deu conta de viver o luto da filha sonhada, idealizada, que é um luto necessário, porque ninguém dá conta de corresponder a esse ideal, e se dá, ou superficialmente acha que dá [...] (Conrado, 00:10:35).

Nesse momento, surge a fala de Virgínia, que complementa:

[...] tem muito sofrimento! (Virgínia, 00:11:00).

A troca segue com Otávia:

A Gina incomodava muito a essa mãe! O termo que ela usa, pequena Gina, pode vir tanto como um carinho como uma forma de diminuir, tipo: ó, como você é pequena! [Otávia gesticula, dando à fala um aspecto de ironia]. (Otávia, 00:13:46).

Logo após, vem a pontuação de Virgínia:

E o que é que ela queria dessa filha!? Ela reclamava porque ela vivia com Oriana, aí, quando a filha faz um ato carinhoso de abraçá-la, ela afasta filha. O que é que ela queria dela?! (Virgínia, 00:15:50).

Em seguida, quem complementa é Conrado:

Acho que nem ela sabia o que queria da filha. Porque filho nenhum vem pra ser resposta na vida de pai nenhum. Ainda que atenda as expectativas, não é suficiente, porque isso não é sobre o filho! [...] também percebo que existe uma relação de ambivalência muito extrema, muito amor e também muita raiva e muito ressentimento. A Gina tá morta e a mãe está ali ressentida falando que logo Oriana vai substituir a filha, parece um cuidado de mãe, mesmo que com uma raiva (Conrado, 00:16:28).

A partir dessa fala, é possível retomar uma pontuação de Lacan, quando ele afirma que “o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário” (Lacan, 1953-

1954/1996, p. 316). Gina e sua mãe eram adversárias? No jogo da disputa feminina, tudo leva a acreditar que sim. O simbólico não foi capaz de atuar nesse drama familiar; não pôde ser criado um espaço suficiente para que as duas mulheres pudessem existir. Nesse momento, emerge certa contestação vinda de Virgínia:

Não sei, porque quando a filha morre parece que ela vai organizando o velório, pega o melhor caixão, compra as rosas, mas como se fosse um amor de fachada. [...] aí então quando a mãe se coloca imposta para essa filha, a filha não escolhe! (Virgínia, 00:27:30).

Mais uma discordância surge, agora por parte de Otávia:

Eu acho que ela escolheu! Ela escolheu uma terceira saída! (Otávia, 00:28:42).

Em sequência, vem a fala de Conrado:

É que ela não escolheu entre as duas opções que a mãe impôs para ela, ela criou uma terceira saída aí (Conrado, 00:29:00).

Isso resulta na seguinte pontuação de Virgínia:

Então! Eu acho que ela não escolheu! Nem assumiu o amor por Oriana, nem ficou com a mãe. Ela não escolheu! [...] e a mãe ainda culpa o pai pelo suicídio da filha. Quando ela diz: olha aí no que deu a liberdade que você deu a ela! (Virgínia, 00:29:04).

A fala continua com Virgínia:

Eu estava pensando, a Gina cometeu suicídio, mas e as pessoas que resolvem não se matar, não cometer o suicídio, que fica ali em um sofrimento... para mim acaba que fica morta. Nem comete o suicídio e nem vive (Virgínia, 00:32:14).

Conrado complementa:

Não deixa de ser uma morte. Lembrei de uma animação oriental, onde a mãe faz um bolinho e esse bolinho meio que cria vida, e ela sai segurando, se apegando, se apegando, e o bolinho querendo viver a vida dele, arrumar uma namoradinha, até que ela come o bolinho. Nossa! É muito comum as mães querendo comer os bolinhos [momento de risada] (Conrado, 00:33:47).

A animação que Conrado associa ao conto é um curta-metragem da Pixar chamado Bao. Nele, a presença massiva de uma mãe resulta em uma relação de conflito entre ela e o filho, que, no curta, é simbolizada por um bolinho que ela mesma prepara e que vai ganhando vida. Quando esse filho/bolinho quer sair da redoma de vidro em que a mãe o colocou, ela o come para que ele não vá (Bao, 2019). A arte, mais uma vez, se apresenta

como via para falar da vida (e da morte) em uma de suas criações. O encontro vai finalizando, e Conrado faz a última contribuição da noite:

Eu também fiquei pensando na gata que ela queria que fosse freira; é como se falasse desse lugar de procriar com homens, que ela preferia ser freira do que seguir essa vida padrão de transar com homens, e é por isso que ela fala da gata como se ela fosse ser freira (CONRADO, 00:40:24).

Conrado compreendeu que havia uma homossexualidade emergida como algo subentendido no conto. Gina e Oriana mantinham uma relação que cada um pôde alcançar a seu modo, mas, de toda forma, o amor que ela (Gina) mantinha por essa outra mulher não foi levado adiante: ele não foi maior do que o tamanho de sua mãe, uma mãe tão real que não possibilitou que Gina pudesse encontrar simbolicamente uma outra saída. O último encontro do clube foi finalizado aos 45 minutos e 51 segundos.

A mediadora/pesquisadora finalizou as atividades agradecendo a participação de todos, percebendo que as portas permaneceriam abertas e que, se possivelmente um novo clube literário fosse proposto, haveria um grupo, talvez não o mesmo, talvez apenas alguns. O fundamental é que a psicanálise e a literatura se apresentaram como uma via de criação para todos que no clube de leitura Lygia Fagundes Telles deixaram sua marca significativa. Os textos literários abraçaram e foram abraçados carinhosamente durante essa vivência, mostrando o quanto eles são capazes de acolher dores, vivências e verdades, tal qual a psicanálise.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O clube de leitura Lygia Fagundes Telles tomou forma com o passar dos encontros, fomentando, pela via da transferência, falas carregadas de significação e singularidades. A literatura de Lygia Fagundes Telles possibilitou que uma temática tão delicada quanto a devastação na relação mãe-filha pudesse ser abordada com beleza e certa suavidade, movimento este que as produções artísticas são capazes de realizar.

A literatura e a psicanálise cabem em muitos lugares, e em muitos lugares elas são necessárias. Utilizar um clube de leitura literária para elaborar pesquisas em centros acadêmicos é reconhecer a importância da leitura e da fantasia para a vida humana; é valorizar a particularidade de cada fala e a estranheza de cada afeto emergido. A literatura foi um convite. A sequência dos encontros deu-se pelo manejo relacional e transferencial

executado pela mediadora/pesquisadora, e a pesquisa se estruturou por uma aposta desejante, que aconteceu.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. **Pesquisa e transmissão da psicanálise no contexto universitário**. In: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira. *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade*. Barbacena, MG: EdUEMG, 2010. p. 113-129.

BAO – **The emotional story**. (Oscar winning animated short film), 2019. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Movie Mania 3000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f5CcGFTO274>>. Acesso em: 17 maio 2022.

BASTOS, Rogério. *Psicanálise e pesquisas: ciência? arte? contraciência?* 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BIRMAN, Joel. **Normatividade, instituições e teoria psicanalítica**: a psicanálise e suas inserções. *SciELO em perspectiva*: humanas, São Paulo, 13 abr. 2018, 15h00min. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/04/13/normatividade-instituicoes-e-teoria-psicanalitica-a-psicanalise-e-suas-insercoes/>. Acesso em: 4 fev. 2021.

BIRMAN, Joel. **Psicanálise, ciência e cultura: pensamento freudiano 3**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.

CHEMOUNI, Jacquy. **História do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

COSTA, Teresinha. **A devastação na relação mãe e filha**. *Bloco mágico*: boletim do corpo freudiano escola de psicanálise, Rio de Janeiro, n. 18, p. 20-25, set. 2020. Disponível em: <<http://corpofreudiano.com.br/w/wp-content/uploads/2020/09/Bloco-magico-18-setembro-2020.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2022.

DINIZ, Margareth. **O(a) pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa**. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (Org.). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 111-128.

FONTELES, Camila Santos Lima; COUTINHO, Denise Maria Barreto. **A pesquisa psicanalítica e suas relações com a universidade**. *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 1, p. 138-148, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/rwm7KKchmRjz6NnrpLXQGMQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 maio 2022.

FREUD, Sigmund. Lembrar, repetir e perlaborar (1914). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (1919). Tradução de

Paulo César de Souza. In: _____. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 14, p. 161-239.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 317-331.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **A pesquisa de tipo teórico**: atas do 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise: Psicanálise e Universidade. São Paulo: PUC, 1994.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise**: de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, Jacques. Alocução sobre o ensino (1970). In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a. p. 302-310.

LACAN, Jacques. Deus e o gozo d'A/ mulher (1973). In: _____. **O Seminário - Livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 70-83.

LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: _____. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 152-194.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: _____. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b. p. 238-324.

LACAN, Jacques. Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). In: _____. **O Seminário - Livro 1**: o conceito da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 311-327.

LACAN, Jacques. Talvez em Vincennes (1975). In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003a. p. 316-318.

LANG, Charles; ANDRADE, Luciana. **Formalização e clínica psicanalítica: a estrutura, o significativo e o sujeito**. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 297-312, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2>.

PINTO, Jeferson Machado. **O lugar da contingência na clínica e na pesquisa em psicanálise**: mais ainda sobre o problema do método. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (org.). *Pesquisa e psicanálise*: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 63-77.

RESENDE, Nilton. **A construção de Lygia Fagundes Telles**: edição crítica de Antes do Baile Verde. Maceió: Edufal, 2016.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOUZA, Edson Luiz André. **Faróis e enigmas: arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud**. In: FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 53-65.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIDA Maria. [S. l.: s. n.], 2006. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo **canal Vida Maria**. Disponível em: <<https://youtu.be/yFpoGhtum4>>. Acesso em: 17 maio 2022.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Artigo enviado em: 24/11/2024

Artigo aceito para publicação em: 15/12/2024.